

# **O DISTANCIAMENTO DA PROMESSA FORMATIVA DA MODERNIDADE, O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO INDIVÍDUO E A PRÁTICA DOCENTE NA ATUALIDADE**

**Lavínia de Melo e Silva Ximenes - CAP-UFPE - lavinia.ximenes@gmail.com**  
**José Policarpo Junior - CE-UFPE - jpj@formacaohumana.org**

## **RESUMO**

Este estudo tem por objetivo refletir sobre o processo de formação humana do educador como elemento organizador do desenvolvimento integral do indivíduo e fundamental na prática docente na atualidade. Discorre sobre o projeto formativo da modernidade e seu fracasso, buscando reestabelecer as bases formativas e humanizadoras da educação, sob a perspectiva da “desbarbarização”, da “formabilidade” e da “conversão do olhar” do educador para o indivíduo, a sociedade e a cultura, em sua prática docente. Analisa, parcialmente, a entrevista de 04 docentes do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco sobre que aspectos formativos e educacionais julgam relevante destacar no processo de humanização do educador. Por fim, ratifica a urgência de uma mudança de atitude, no campo educacional, diante dos desafios postos pela contemporaneidade, além de considerar o movimento contínuo de interpretações e ressignificações pelo qual passou, e vem passando, o processo formativo-educacional, considerando-o sempre na perspectiva do aqui e agora, o que nos leva a indagar sobre o sentido ou os sentidos da formação/educação no cenário das atuais sociedades complexas e pluralistas.

**Palavras Chaves:** Modernidade, Formação Humana, Desenvolvimento Integral, Prática Docente

## **ABSTRACT**

This study aims to reflect on the process of human formation of the educator as an organizer element of the integral development of the individual and fundamental in the present teaching practice . It talks about the formative projective modernity and its failure, seeking to reestablish the formative and humanizing bases of education, from the perspective of "debarbarization", the "formability" and "converging look" of the educator at the individual, society and culture, in his teaching practice. It analyzes partially, the interview of 04 teachers in the Education Center of the Federal University of Pernambuco on the formative and educational aspects they consider relevant to highlight in the humanization process of the educator. In the end, we reaffirmed the urgency of a change of attitude in the educational field, facing the challenges posed by contemporaneity, in addition to considering the continuous movement of interpretation and resignification by which the formative-educational process passed and is passing, considering it always in terms of the here and now, which leads us to wonder about the sense or senses of formation/ education in the scenario of current complex and pluralistic societies.

**Key words:** Modernity, Human Formation, Integral Development, Teaching Practice

## **Introdução**

O presente estudo apresenta um recorte teórico-metodológico da tese de doutorado defendida pela autora<sup>1</sup> e busca refletir sobre a promoção da formação humana do educador no processo de formação acadêmica, bem como sobre o desenvolvimento integral do ser humano como processo fundamental para a configuração de práticas docentes inclusivas e não discriminatórias no espaço acadêmico-escolar.

É com o advento da chamada Modernidade que começa a ser gestado o cenário que tem caracterizado as atuais sociedades complexas e pluralistas, configurando uma época e uma visão de mundo bastante diferenciada em relação à Antiguidade e à Idade Média (CENCI 2010).

No âmbito da Antiguidade, “a experiência filosófica estaria ordenada pelo ideal de produzir no *eu* uma retidão entre ações e pensamentos” retratando o princípio do *cuidado de si* (FREITAS 2010, p.65), o qual resgata o ponto de articulação entre a filosofia e a espiritualidade, concebidas como elementos significativos de uma concepção de formação humana que valoriza o processo de autoformação como exercício de autoria de si mesmo.

Na Modernidade, porém, a ênfase passa a ser o conhecimento de si, de modo que “o sujeito que busca a verdade torna-se capaz de encontrá-la tão somente pela força de seus atos de conhecimento” (FREITAS 2010, p.64). Em busca de verdade e conhecimento, grande ênfase passa a ser dada à competência criativa e transformadora do indivíduo, cuja ação, para Cenci (2010, p.68), “só pode ser legitimada através do uso crítico, livre e público da razão, não mais a partir de um princípio externo a ela, seja a ordem impessoal do cosmo ou deus”.

Dentre as muitas e significativas questões suscitadas nesse novo cenário, ganha relevância, no campo das ciências humanas e sociais, a forma como os referidos elementos incidem e passam a configurar a subjetividade do homem contemporâneo e, muito particularmente, sua formação.

Observa-se, assim, uma sensação de estranhamento diante das profundas transformações vividas no sistema de valores, nas crenças e nas relações estabelecidas socialmente, sendo tal situação sinalizada por Tardif (2010) como a “crise da cultura” de nossa época.

---

<sup>1</sup> XIMENES, Lavínia de Melo e Silva. **A Promoção da Formação humana no Processo de Formação Acadêmica do Educador**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Orientador; Prof. Dr. José Policarpo Junior. Recife (PE), 2013.

Evidentemente, essa crise da cultura se manifesta com grande força no pensamento e na prática educativa. Isso nada tem de surpreendente, pois a educação depende estreitamente da cultura. Não pode pois escapar às tensões e ao mal estar que a dominam. Todos os debates contemporâneos sobre a formação fundamental, a formação geral, a instrução, a cultura escolar, os conhecimentos básicos, etc., carregam justamente a marca dessa situação de crise. Revelam não apenas a existência de discordâncias profundas entre as pessoas e entre os grupos sociais, e também, mais profundamente, uma mutação de nossos sistemas de valores (Tardif 2010, p.28).

Refletindo de forma crítica e objetiva sobre a educação e a formação na contemporaneidade, Adorno (1995) questiona-se: “para quê educar?”, ponderando que “houve um tempo em que esses conceitos, como dizia Hegel, eram substâncias, compreensíveis por si mesmos a partir da totalidade de uma cultura, e não eram problemáticos em si mesmos. Como representante maior de um novo momento da teoria crítica da sociedade, Adorno (1995), argumentando sobre a necessidade de uma educação voltada para a emancipação do indivíduo e contra toda e qualquer expressão de violência e barbárie, posiciona-se contra o conceito de modelo formativo ideal, pautado na modelagem de pessoas e da mera transmissão de conhecimentos e informações, características da imposição autoritária e externa ao indivíduo – a heteronomia, considerando-a um ato de usurpação da condição de autonomia do indivíduo. Entende, desse modo, que a heteronomia contrapõe-se à autonomia, que, na visão de Coelho (2009, p. 23), significa “o agir reflexivo de uma razão, que se cria em um movimento sem fim, sendo ao mesmo tempo individual e social; feita de possibilidades nem sempre realizadas na maior parte do tempo, mas atualizáveis e atualizadas”; e, na percepção de Castoriadis (1992, p. 140), “o surgimento de um novo *eidos* na história de um tipo de ser que se dá a si mesmo, reflexivamente, suas leis de ser”, assumindo a possibilidade de pensar a si mesmo e de agir de forma deliberada e intencional.

Adorno (1995) considera que cabe à educação promover o desenvolvimento de uma “consciência verdadeira”, sendo esta uma exigência política: conceber “a ideia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua autoinculpável minoridade” (p.140).

Munido de conhecimento teórico e prático, o indivíduo educado e esclarecido, emancipado, na visão de Adorno, torna-se capaz de solucionar as questões relevantes de sua existência mediante o uso racional de seu próprio entendimento, ou seja, dos recursos de sua própria razão, “obedecendo a leis autoimpostas, independentemente de qualquer motivação

externa, capacidade moral que torna o ser humano digno de ser chamado como tal” (Krassuski 2010, p.291).

Todavia, a condição de ser dotado de razão e do uso da racionalidade não impediu, nem tem impedido, a emergência e a expressão de atos violentos e destrutivos dos indivíduos contra seus semelhantes e o mundo em que vivem, provocando tanto o extermínio de inocentes como o desequilíbrio ambiental, assim como a emergência da violência simbólica que aliena e aniquila a expressão das singularidades, da criatividade individual, da imaginação e da espontaneidade.

No que tange ao alcance da educação nesse contexto, Adorno (1995) defende a proposição de que a questão mais urgente na atualidade é a desbarbarização da atual civilização, na medida em que a barbárie afasta o indivíduo de suas metas formativas e humanizadoras.

O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação se pode transformar algo decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (Adorno 1995, p.155).

A superação da barbárie é hoje, na visão de Adorno (1995), “decisiva para a sobrevivência da humanidade”, sendo fundamental reavaliar as concepções educacionais vigentes e suas propostas formativas, identificando os fatores objetivos e psicológicos que se encontram nos distintos sistemas sociais.

Entendemos, dessa forma, ser função da educação promover no indivíduo a ampliação do nível de consciência que lhe possibilite identificar as diferentes formas de manifestação da barbárie na atualidade, tais como: atitudes de indiferença, rejeição e exclusão, a violência simbólica que impõe padrões de conduta e subvertem as formações subjetivas individuais.

Compete, assim, ao indivíduo imprimir tal direcionamento de modo consciente e autônomo, estando atento, por exemplo, às diferentes formas de que se reveste a barbárie, quando configurada em nome da autoridade ou dos poderes estabelecidos, incitando a atos destrutivos e mutiladores da essência das pessoas, ou às expressões de tendências regressivas que habitam o psiquismo humano quando confrontado com a anarquia no espaço social,

A emancipação precisa ser acompanhada de uma certa firmeza do eu, da unidade combinada do eu, tal como formada no modelo do indivíduo burguês. A situação atualmente muito requisitada e, reconheço, inevitável de se adaptar a condições de permanente mudança, em vez de formar um eu firme, relaciona-se, de uma maneira a meu ver muito problemática, com os fenômenos da fraqueza do eu conhecidos pela psicologia (Adorno 1995, p.180).

Na perspectiva do autor, ao mesmo tempo que o acesso à formação, ao esclarecimento, à emancipação, como prefere nomear a educação, possibilita ao indivíduo uma tomada de consciência sobre a realidade e sobre si mesmo, promove e envolve, também, o processo de adaptação que, embora necessário ao processo formativo, pode, também, ser questionável pelo uso social, ideológico e impositivo sobre o mesmo.

Sobre tal pensamento de Adorno, Coelho (2009, p.23) faz a seguinte reflexão: “Há no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade da qual não devemos nos desviar, apesar da dificuldade em superá-la.” Essa chamada reflexiva sobre o fenômeno adaptativo tem o mérito de alertar sobre a impossibilidade de se ignorar o papel formativo que tem a adaptação, mas, ao mesmo tempo, sobre a dimensão ideológica que a mesma pode assumir em virtude das demandas e imposições da sociedade e da cultura que premiam a não conscientização em nome da uniformidade do pensar e do agir. É importante ressaltar que a adaptação é parte do processo educativo-formativo, mas que se torna ineficaz quando impossibilita o indivíduo de questionar a si mesmo, “de coordenar a utilização de suas energias em seus atos com o processo de reflexão” (CASTORIADIS 1992, p. 233).

Desse modo, ressaltamos nosso entendimento de que a experiência formativo-educacional ocorre, particularmente no Ocidente, em íntima ligação e em contextos históricos complexos que estruturam suas concepções e intervenções no sentido de educar o indivíduo promovendo sua emancipação individual e social. Observamos, porém, que o predomínio da razão instrumental e a exacerbação do individualismo e do hedonismo no atual cenário sociopolítico e econômico têm sedimentado o terreno para uma crescente desumanização no âmbito das relações sociais, promovendo significativas mudanças no que tange às experiências pessoais e coletivas. Em um cenário assim configurado, impõem-se algumas exigências, particularmente ao educador, no sentido de desenvolver novos olhares que configurem políticas educacionais e ações que favoreçam o resgate das condições emancipatórias e humanizadoras de indivíduos e grupos sociais, mediante as quais seja possível o vislumbre de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária.

Assim, tomando como referência proposições teóricas nos quais fundamentamos o sentido da formação humana em sua relação estrita com o campo educacional, entendemos que não nascemos prontos, vamo-nos transformando nessa busca incessante de iluminação e calor, de saber e conhecer para intervir em um contexto que não nos é dado, mas que se transforma continuamente [LÓPES QUINTÁS (2004a, 2003), ARROYO (2007), FREITAS (2010), RÖHR (2010), POLICARPO JUNIOR (2010a, 2011), FERRY (2010, 2012)]. Nesse cenário, desenvolvemos habilidades e competências que nos habilitam a expressar nossas conquistas, sempre prontas a serem revistas, modificadas. Buscamos, contínua e incessantemente, respostas para nossas inquietações vitais em busca de conhecimento sobre a realidade e o mundo no qual vivemos [MARCUSE (1978), BENJAMIM (1994), ADORNO (1995), RODRIGUES (2001), TOURAINE (2007), SEVERINO (2008), HEERMANN (2010)], sendo a pesquisa científica uma estratégia bastante significativa e enriquecedora nessa direção. Consideramos assim que o fazer humano, no âmbito acadêmico da pesquisa, particularmente no campo da Educação, deve retratar os valores, os princípios e as expectativas de seus pesquisadores de construir uma sociedade mais justa e democrática e um ser humano mais criativo e responsável pela manutenção do bem-estar pessoal e coletivo.

Numa proposta educativa que vise à humanização e ao desenvolvimento integral, algumas iniciativas se mostram apropriadas e essenciais para a configuração do processo formativo-educacional do ser humano. Com essa perspectiva, Röhr (2006, p.8) destaca o conceito de formabilidade<sup>2</sup>, que sugere as “aberturas e possibilidades que o ser humano traz consigo ao entrar no processo da sua formação humana”. Isso implica pensar que é nessa abertura que a educação se torna relevante, que a tarefa educacional se faz premente, que a intenção do educador o diferencia do educando quanto à meta de humanização, levando-o para além dos conhecimentos específicos acadêmico-escolares. Tal propriedade, se, por um lado, põe o indivíduo ante a experiência da finitude humana, por outro, o capacita a discernir e ampliar sua visão sobre o mundo, sobre a realidade e sobre seus próprios limites, favorecendo ora o discernimento, ora a frustração, bem como a apropriação existencial de conceitos, como: liberdade, autonomia, verdade, beleza, justiça, amor, confiança, dentre outros.

---

<sup>2</sup> Segundo Herbart (2003), trata-se de um conceito que tem o sentido de educabilidade e que faz referência à plasticidade do ser humano para conformar-se com certo modo de vida regido por fins moralmente valiosos. Para o filósofo, considerado o pão da Pedagogia científica no século XIX, a tarefa da educação consiste em formar o caráter, não pela força de uma ação externa, mas graças a uma clara e determinada atitude moral.

Por sua vez, López Quintás (2004a) afirma ser fundamental que cada pessoa possa se apropriar de como é o viver humano e de quais são as condições de seu desenvolvimento, de modo a orientar-se bem na vida e resolver, por si mesmo, os problemas que surjam em sua existência. Valoriza assim a dimensão da formação humana como condição maior e primeira que permite o discernimento entre o que constrói a personalidade e o que a destrói, entre o que é ilusório e passageiro e o que favorece a condição de liberdade e autenticidade do ser humano.

Tal empreendimento, contudo, não se dá sem que haja uma conversão do olhar para o indivíduo, a sociedade e a cultura, que considere as atitudes adotadas na vida e o sentido dado às diretrizes do ideal estabelecido, propondo, nessa direção, alguns passos e modos de alcançá-la. Como sugere López Quintás (2004a), a conversão do olhar permite a abertura de uma gama de possibilidades ao sujeito até então impedidas de serem visualizadas, tornando-o capaz de enxergar e acessar o sentido maior de atribuição às coisas cotidianas.

## **2. Metodologia**

O processo de condução de um estudo qualitativo sinaliza para uma maior proximidade do pesquisador não apenas com o seu objeto de estudo, mas também com as pessoas e os contextos pesquisados. Imbuído dessa tarefa, o pesquisador recorre e lança mão de uma variedade de práticas interpretativas e de materiais empíricos que busquem responder às questões postas.

Para fins deste estudo, optamos pelo uso da entrevista, que se constitui uma técnica chave de coleta de dados no campo das ciências humanas e sociais. Pode ser considerada como uma conversa com uma intenção ou propósito, caracterizando-se por suas diferentes formas e estilos (MOREIRA e CALEFFE, 2006) ou como uma técnica ou método de coleta de dados, amplamente empregada(o) com o intuito de identificar diferentes pontos de vista sobre o fenômeno pesquisado (GASKELL 2002).

Embora o estudo desenvolvido em sua totalidade integre em sua amostra estudantes e docentes do Centro de Educação da UFPE, destacamos neste artigo uma análise parcial das entrevistas realizadas com 04 docentes, um de cada Departamento do CE, em torno da questão: Que aspectos formativos e educacionais você julga relevante destacar no processo de humanização do educador?

Diante das narrativas, observamos como cada docente construiu a sua trajetória individual, o modo singular como faz referência à temática da humanização no processo de formação acadêmica do educador, além da forma como cada qual discorre sobre as experiências vividas no exercício da docência no CE/UFPE.

Nesse sentido, aspectos do desenvolvimento pessoal e relacional do educando ganham destaque nas narrativas apresentadas, a exemplo das experiências vividas no contexto da família e da Igreja (Anita), da educação escolar básica (Diogo), da formação acadêmica inicial e continuada (Clóvis e Bruna).

É interessante observar que, de modo bem pessoal, cada docente expressa o seu modo de compreender o papel do educador na atualidade: Anita e Bruna mencionam a atual crise da formação humana pela qual vêm passando as sociedades contemporâneas; Clóvis reforça a impossibilidade de garantias quanto à humanização do educando mediante as experiências educativas vividas no contexto acadêmico-escolar; e Diogo destaca a relevância do educador como figura de identificação para o educando desde o período de sua formação básica.

Em nosso entendimento, o papel do educador na atualidade reafirma-se através do caráter interativo da relação educador/educando, cabendo ao primeiro apropriar-se do que seja a meta formativa de humanizar, considerando não apenas sua própria capacidade de confiar no ser humano, mas também as possibilidades de fracasso e insucesso de sua ação educativa, uma vez que reconhece o educando como ser livre e capaz de não adesão à proposta formativa que se pretende cultivar. Disso resulta a importância de um entendimento e de uma apropriação pessoal por parte do educador do que seja a intenção de formar/educar, do que sejam a escola como *lócus* formativo e a pedagogia como vertente científica desse *vir a ser* humanizado. Nesse sentido, ganham evidência o cultivo de valores, de princípios e de atitudes que fortaleçam o indivíduo e a coletividade, o que requer o exercício contínuo da autorreflexão e das relações interpessoais que possibilitam tanto o conhecimento e o cuidado de si como a transmissão e preservação dos bens culturais produzidos, sem perder de vista a meta formativa de humanização dos indivíduos e das sociedades.

## **Considerações Finais**



Frente às questões propostas, impõe-se, particularmente no campo educacional, uma mudança de atitude diante dos desafios postos pela contemporaneidade. Nesse contexto, pensar a formação humana é considerar o movimento contínuo de interpretações e ressignificações pelo qual passou, e vem passando, o processo formativo-educacional, considerando-o sempre na perspectiva do aqui e agora, o que nos leva a indagar sobre o sentido ou os sentidos da formação/educação no cenário das atuais sociedades complexas e pluralistas.

Nesse contexto, diante do contínuo processo de pensar a formação no sentido da humanização do ser humano, consideramos que compete à educação (re)assumir seu papel e função fundamentais na mediação e difusão de princípios que se configurem norteadores do desenvolvimento integral e pleno de indivíduos e grupos humanos. Favorecer o desenvolvimento do indivíduo de modo a ressignificar suas experiências, tendo autonomia para pensar, sentir e agir de modo pleno, congruente e responsável em todos os âmbitos, inclusive no trabalho.

Portanto, será a partir da transformação progressiva e sistemática do olhar, do pensar, do sentir e do agir, de pessoas e grupos sociais na contemporaneidade, que poderemos vislumbrar mudanças significativas no processo de humanização dos indivíduos, na configuração dos paradigmas e das políticas públicas que regem a educação e a formação acadêmica em nossas escolas e universidades.

## **Referências**

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1995.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas – trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 4.ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2007.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas v.1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Maria Gagnebin – 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CENCI, Angêlo Vitório. Subjetividade, Individualismo e Formação Moral no Contexto de Sociedades Complexas e Pluralistas. In: TREVISAN, Amarildo Luiz, TOMAZETTI, Elisete Medianeira, ROSSATTO, Noeli Dutra (orgs.). **Diferença, Cultura e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Encruzilhadas do Labirinto**. v.3: O mundo Fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1992.
- COELHO, Maria Inês de Matos e COSTA, Anna Edith Bellico da (*et al*) – **A Educação e a Formação Humana – tensões e desafios na contemporaneidade**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FERRY, Luc. **A Revolução do Amor: por uma espiritualidade laica**. Tradução: Véra Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

\_\_\_\_\_. **Aprender a Viver**. Tradução: Véra Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FREITAS, Alexandre Simão. O “Cuidado de Si” como Articulador de uma Nova Relação entre Educação e Espiritualidade. In: RÖHR, Ferdinand (org.). **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin W, GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002.

HERMANN, Nadja. Formação e Experiência. In: TREVISAN, Amarildo Luiz, TOMAZETTI, Elisete Medianeira, ROSSATTO, Noeli Dutra (orgs.). **Diferença, Cultura e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KRASSUSKI, Jair Antônio. Filosofia crítica, Formação Moral e Educação em Kant. In: TREVISAN, Amarildo Luiz, TOMAZETTI, Elisete Medianeira, ROSSATTO, Noeli Dutra (orgs.). **Diferença, Cultura e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso López – **Inteligência Criativa – descoberta pessoal de valores**. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2004a.

\_\_\_\_\_. **El Secreto de una Vida Lograda** – curso de pedagogia el amor y La família. Madrid, España: Ediciones Palabra S.A, 2004b.

\_\_\_\_\_. **La Cultura y El Sentido de La Vida**. Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 2003.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. 7. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOREIRA, Herivelton e CALEFFE Liuz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

POLICARPO JUNIOR, José [et.al]. **O Pensar, o Sentir o Agir: Sentidos da Formação Humana**. Recife: Instituto de Formação Humana. Livro eletrônico, 2011. Disponível em: <http://www.smashwords.com/books/view/306736>, capturado em 10 de julho de 2011.

\_\_\_\_\_. Sobre Espiritualidade e Educação (p.81-107). In: RÖHR, Ferdinand. **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010a.

RODRIGUES, Neidson. **Educação: da Formação Humana à Construção do Sujeito Ético**. Educ. Soc., Campinas, v.22, n.76, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302001000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302001000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10/05/2007.

RÖHR, Ferdinand. Reflexões em Torno de um Possível Objeto Epistêmico Próprio da Educação. **Pro-Posições**, v. 18, n. 1(52) jan./abr. 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Os Embates da Cidadania: ensaio de uma abordagem filosófica da nova LDB. In: BYZEZINSKI, Iria (org.) **LDB Dez Anos Depois - reinterpretação sob diversos olhares**. São Paulo: Cortez, 2008.

TARDIF, Maurice. Os gregos antigos e a fundação da tradição educativa ocidental. In: GAUTHIER, Clermont, TARDIF, Maurice. **A Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2010.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2007.